

UMA ANÁLISE LEXICAL DA REPRESENTAÇÃO DO MIGRANTE ÁRABE EM JORNAIS APÓS O 11 DE SETEMBRO DE 2001

A LEXICAL ANALYSIS OF THE REPRESENTATION OF ARAB MIGRANTS IN NEWSPAPER AFTER SEPTEMBER 11, 2001

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima¹
Adriana Auxiliadora da Silva²

RESUMO

Este trabalho intitulado “Uma análise lexical da representação do migrante árabe em jornais após o 11 de setembro de 2001” tem o objetivo de analisar o léxico utilizado em jornais impressos e *on-line* para representar o migrante árabe, depois do evento, que ocorreu em 11 de Setembro de 2001, em Nova York. A análise perpassará por lexias como terror, terrorista, guerra, atentados, grupo terrorista e etc.; referindo-se nos textos analisados sobre os migrantes sírios e libaneses no Brasil. O referencial teórico está embasado nos conceitos de Biderman (2001), Saussure (2004) Silva (2001), Polguère (2018), Basílio (2005), e as discussões sobre a migração Demant (2015), Said (2007), Santos (2018), Truzzi (2007), Karam (2009), Pinto (2010), Zolin Vesz (2015, 2016a, 2016b). Esta é uma pesquisa de cunho documental e com abordagem qualitativa com referência em Denzin e Lincoln (2006), e interpretativista pautada em Fonseca (2002), Moita Lopes (2006) com a Linguística Aplicada Indisciplinar para buscarmos compreender como a produção de sentidos foi trabalhada nas reportagens sobre a opinião dos jornalistas depois do 11 de setembro de 2001, nos jornais do Brasil. Por meio da geração dos dados que compõem o *corpus* de análise, constituído da coleta de dados, da pesquisa bibliográfica e documental, o resultado mostra a forma como as escolhas lexicais dos jornalistas apontam sobre o que eles pensam a respeito dos migrantes e o seu povo.

Palavras-chave: léxico, linguística, migrante.

ABSTRACT

This paper, entitled “A Lexical Analysis of the Representation of Arab Migrants in Newspapers after September 11, 2001,” aims to analyze the lexicon used in print and online newspapers to represent Arab migrants after the event that occurred on September 11, 2001, in New York. The analysis will focus on lexical items such as “terror,” “terrorist,” “war,” attacks,” “terrorist group,” etc., referring to Syrian and Lebanese migrants in Brazil in the analyzed texts. The theoretical framework is based

¹ Doutorado, docente no PPGEL/UFMT. E-mail: carolina.lima@ufmt.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3701847407598791>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8678-9895>.

² Mestrado, PPGEL/UFMT, Professora da Educação Básica, E-mail: profadrianacefapro@gmail.com, Lattes: 2884243887142038, Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-5789-9777>.

on the concepts of Biderman (2001), Saussure (2004), Silva (2001), Polguère (2018), Basílio (2005), and discussions on migration by Demant (2015), Said (2007), Santos (2018), Truzzi (2007), Karam (2009), Pinto (2010), and Zolin Vesz (2015, 2016a, 2016b). This is a documentary research with a qualitative approach, referencing Denzin and Lincoln (2006), and interpretivist, based on Fonseca (2002) and Moita Lopes (2006), with Applied Linguistics to understand how the production of meaning was worked on in news reports about journalists' opinions after September 11, 2001, in Brazilian newspapers. Through the generation of data that make up the analysis corpus, consisting of data collection, bibliographic and documentary research, the result shows how the lexical choices of journalists point to what they think about migrants and their people.

Keywords: lexicon, linguistics, migrant.

Introdução

Neste trabalho procuramos compreender as escolhas lexicais dos jornalistas, na composição das reportagens e tiragens, um mês depois do 11 de Setembro de 2001, no jornal *on-line* Folha de S. Paulo. Na tese de Doutorado, que ainda está em andamento, iremos trabalhar também, jornais impressos e on-line, como: O Globo, e a Gazeta do Povo de Curitiba. Aqui, para este artigo, apresentamos somente, o recorte do jornal *on-line* Folha de S. Paulo. Inicialmente, separamos um recorte antes do 11 de setembro de 2001, para demonstrar como estavam as relações do Ocidente com o Oriente. A história nos apresenta, que à época da migração árabe para a América, este migrante fora acolhido e depois muito elogiado, pela sua postura e ação enquanto, um povo aguerrido e trabalhador. Dessa forma, o mesmo povo do Oriente que outrora fora bem recebido, hoje não o é mais (Pinto, 2010), algo que causou estranhamento, visto que o processo de migração deste povo foi pacífico e acolhedor Brandão, 2007; Pinto, 2010; Farah, 2014, Zolin-Vesz, 2015, 2016a, 2016b. Dessa maneira, este artigo pretende refletir sobre o que levou ao evento de 11 de setembro de 2001. Ao observar o olhar que ora acolhe, ora expulsa, a interpretação parte das narrativas reproduzidas pelas reportagens selecionadas, depois do 11 de setembro de 2001. Questionamentos que nos intrigam, enquanto pesquisadores de uma tese em elaboração, no entanto, como a pesquisa está em andamento, somente lançaremos hipóteses do que possivelmente levou ao fato.

Assim, apresentaremos nas interpretações as unidades lexicais escolhidas que possivelmente mudaram a maneira como a sociedade civil via e se relacionava com o povo árabe. Nesse sentido, utilizaremos as reportagens que carregam as unidades lexicais sobre uma possível “aversão” ao povo árabe, indicando como foi apresentado o evento 11 de setembro de 2001, em Nova York. Sabemos que neste mesmo dia, mais dois eventos ocorreram nos EUA, porém vamos interpretar, somente, a derrubada das conhecidas “Torres Gêmeas”.

Sob esse olhar, retrataremos nas interpretações sobre as memórias dos jornalistas no jornal *on-line* e Folha de S. Paulo, sobre o evento 11 de setembro de 2001, com um marco temporal de 1 mês depois, observando como as unidades lexicais foram escolhidas para retratar este momento, e conseqüentemente qual foi o impacto dessas escolhas na vida do povo árabe.

E como a percepção da escrita será por meio de um jornal *on-line*, preciso apresentar como este chega até o leitor. O jornal escolhido no formato *on-line*, foi a Folha de S. Paulo, por ser um dos poucos jornais que estavam em vigor à época dos fatos. O segundo ponto, observado pela pesquisa é que a primeira reportagem que será apresentada aqui, a imagem está em preto e branco e no dia posterior ao evento 11 de setembro, a Folha publica o jornal todo em cores. Tomamos a liberdade de relatar que o jornal percebendo o impacto que, parece ter sido o evento, trouxe ao seu leitor, uma novidade. Notou-se que a imagens em cores chamaria muita atenção e isso atrairia os compradores de jornal, que naquela época, só existia no formato impresso. Diante disso, o autor abaixo relata o quanto era importante ter destaques para uma manchete, no intuito de ter maiores leitores.

A grandiosidade das manchetes se encontra marcada pelas formulações destacadas nos títulos e subtítulos das reportagens e carregam em suas formulações propostas de um dinamismo necessário para estimular, convencer e injetar um ritmo desejado de desenvolvimento e otimismo [...] (Pitombo-Oliveira et al., 2013, p. 08).

Sendo assim, coube-nos uma busca pelo arquivo do jornal *on-line* Folha de S. Paulo, pois vários outros, de grande circulação nacional, não possuíam a versão *on-line* para pesquisa. Assinamos dois grandes jornais para fazer a coleta de dados,

porém nenhum dos dois, havia a publicação do 11 de setembro digitalizada e disponível no acervo. Por isso, que, somente, há recortes da Folha de S. Paulo.

Neste sentido, apresentamos os pressupostos teóricos que embasam a situação do povo árabe e seu deslocamento, mundo afora. Assim, os relatos dos teóricos sobre a presença árabe no Brasil “[...] pode ser resumida como uma saga de imigrantes que teriam fugido da pobreza, opressão política e perseguição religiosa de um Império Otomano decadente” (Pinto, 2010, p.17). Conforme, relata Farah (2014), o Império Otomano comandava os países árabes, incluindo a Síria e o Líbano, sendo assim, a expulsão resume-se a duas situações: fatores religiosos e situação de dependência ao Império Otomano e suas normas que regulamentavam o acesso à terra (Brandão, 2007). É diante deste contexto que serão apresentadas as discussões aqui propostas.

Os caminhos que levaram a Migração

Os processos migratórios, normalmente são traumáticos e forçados, como podemos observar nas leituras, as quais retratam a migração do povo árabe, sendo algo que não foi por escolha e sim uma fuga por sobrevivência. Segundo Murilo Meihy (2016),

[...] o legado principal deixado pelos imigrantes libaneses no Brasil são a prosperidade econômica da colônia, a visibilidade social de seus descendentes, ou mesmo o passaporte estrangeiro reivindicado por orgulhosos filhos e netos que não conhecem a carestia de vida imigrante por mérito de seus antepassados (Meihy, 2016, p. 169).

E foi diante deste contexto que os migrantes vieram para o Brasil, como também, para outros países das Américas, com o intuito de se afastarem dos constantes conflitos e da ausência de influência dos árabes dentro do Império Otomano, impulsionou cada vez mais, a saída desse povo do seu lugar de origem. Como podemos observar a afirmação do autor,

[...] os conflitos crescentes entre determinados grupos confessionais, o desprestígio de comunidades árabes no interior das estâncias do Império Otomano e o aumento da influência de potências ocidentais na região foram apenas alguns dos fatores que propiciaram a vinda desses migrantes para a América (Meihy, 2016, p. 170).

Essas marcações étnicas e de relações de poder relatadas pelo autor, colocam o migrante em um lugar de total desconforto em seu país, que o condiciona a buscar outros espaços para seguir. E, parece, que foi esta decisão, que o povo árabe tomou, quando decidiu migrar para América. Sem incentivos de governo, mas com uma enorme vontade de buscar um lugar, onde pudesse se organizar financeiramente, ajudar a família que havia ficado no Oriente, esse migrante chega ao Brasil para construir a sua história. Segundo Karam (2009),

[...] calcula-se que o número de migrantes do Oriente Médio, na maioria oriundos da atual Síria e do Líbano, com destino às Américas entre os anos de 1870 e os anos de 1930, ultrapassou a casa dos 300 mil. Adquiriram uma presença notável como mascates nos anos de 1890, e sob essa figura foram caricaturados por várias décadas seguintes (Karam, 2009, p. 27).

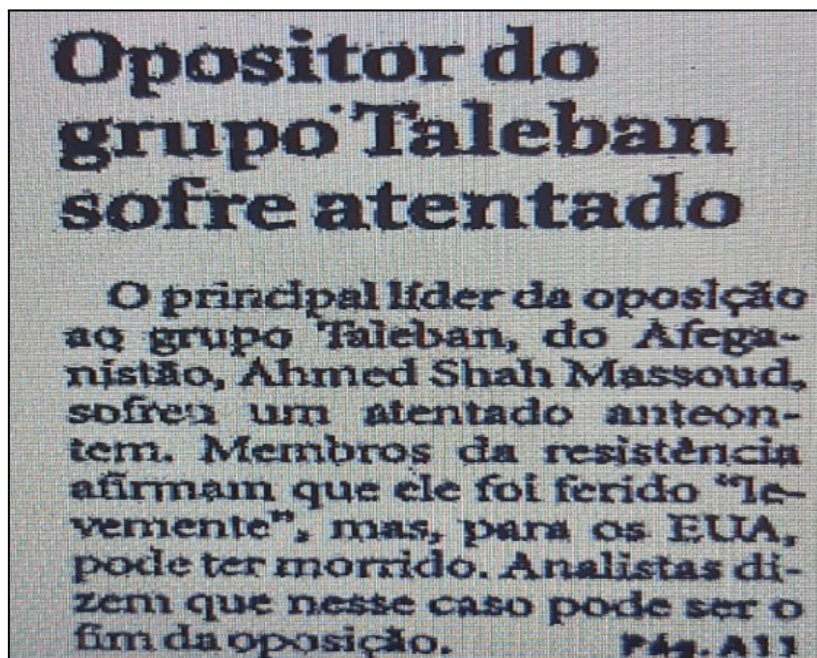
A partir desta enorme presença da migração sírio e libanesa no Brasil, esses migrantes receberam identificações que os rotulavam como “turcos”. E, isso ocorreu, porque, quando saíram de seus países de origem, os passaportes tinham o carimbo do Império Otomano, e em decorrência disso, os migrantes árabes eram intitulados de turcos. Conforme nos aponta Karam (2009, p. 30), “[...] historicamente, a designação de “turco” foi criada por políticos brasileiros para os viajantes portadores de passaportes emitidos pelo Sultanato Otomano, desde o final do século XIX até a Primeira Guerra Mundial.” E, foi por isso, que os migrantes árabes ficaram conhecidos, como “o turco da lojinha e o turco mascate” (Karam, 2009, 30). E dentro deste contexto, o migrante árabe construiu sua história, marcada de estereótipos e fantasias, que os vinculavam a grandes comerciantes no Brasil.

Interpretação dos dados

As reportagens selecionadas para esta pesquisa mostram quais foram as escolhas lexicais usadas pelos jornalistas depois do evento de 11 de setembro de 2001. Podemos observar, de modo geral, que o povo árabe não recebia o melhor tratamento, como comprovam as reportagens analisadas, porém não eram retratados como terroristas. Verifica-se também que todas as reportagens produzidas sobre o Oriente Médio possuem cunho negativo. Não se faz leitura sobre as descobertas de estudos

tecnológicos, ou mesmo alguma alteração na conduta desse povo, simplesmente relatam, somente, sobre ataques, conflitos, guerras e terror.

Figura 1



Fonte:

<https://acervo.folha.com.br/digital/busca.do?keyword=&periododesc=12%2F09%2F2001&por=Por+Dia&startDate=&endDate=&days=11&month=07year=2001>

Transcrição da figura 1

“O principal líder da oposição ao grupo Taleban, do Afeganistão, Ahmed Shah Massoud, sofreu um atentado anteontem. Membros da resistência afirmam que ele foi ferido “levemente”, mas, para os EUA, pode ter morrido. Analistas dizem que nesse caso pode ser o fim da oposição”.

A reportagem acima traz referência de um fato que ocorreu, utilizando unidades lexicais como: líder de oposição, grupo Taleban, membros da resistência. Essas lexias complexas são direcionadas ao povo árabe, no entanto, não estão carregadas de estigma e preconceito; pois a seleção lexical, não macula o povo em si. Neste caso, há, apenas, uma informação sobre o que aconteceu, sem expressar um juízo de valor. Esta nota foi publicada no dia 11 de julho de 2001, e talvez, por isso, a nota sobre um fato ocorrido, não há léxicos como: terrorista, ainda não são predominantes nas reportagens apresentadas. Observamos que é uma informação

sobre um fato que ocorreu, e que este, apresenta, apenas, dados de um atentado. Segundo Abbade (2011),

As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais, elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Dessa maneira, para entender a lexia individualmente, é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, pois a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão. (Abbate, 2011, p. 1332).

Dessa maneira entendemos que o título da nota sobre um fato que ocorreu, apenas, nos impõe relevância porque as palavras juntas, em suas orações, formam um todo significativo. Se fôssemos analisar morfológicamente as palavras, as mesmas não iriam atribuir o mesmo sentido, quando associadas a um contexto.

Outra questão interessante apresenta Matoré (1953, p. 61), “[...] o léxico é um fato social, é o espelho de uma sociedade; fora dessa sociedade, a linguagem não encontra expressão.” Assim, o autor traz, que o léxico está imbricado com a sociedade e é através dele, que manifestamos nossas angústias e satisfações. Então, como já dissemos anteriormente, as análises lexicais estão relacionadas com a questão social, de como as informações relatadas irão impactar seus leitores.

Figura 2



Fonte:

<https://acervo.folha.com.br/digital/busca.do?keyword=&periododesc=12%2F09%2F2001&pr=Por+Dia&startDate=&endDate=&days=12&month=09year=2001>

Diante da imagem tão impressionante pela destruição, vamos interpretar as unidades lexicais escolhidas para compor esta manchete “EUA sofrem o maior ataque da história” (Folha de S. Paulo, 2001). Apesar de toda uma reportagem detalhada, somente a manchete nos apresentará o que quer ser dito para a sociedade. Se separarmos as lexias simples para serem analisadas isoladamente, teremos apenas, o conceito dicionarizado, o qual não irá refletir, o que realmente quis ser apresentado. Assim, “o léxico é um dos seus pilares que melhor retrata a realidade linguística, cultural e social de uma comunidade. (Vander Lúcio de Souza, 2014, p. 54). Ainda segundo o autor, é por meio da linguagem que nos expressamos e manifestamos aquilo que acreditamos, em razão de nossas leituras e vivências. A partir disso, nos constituímos enquanto pessoas através da linguagem. Portanto, as lexias escolhidas para montar a manchete têm uma enorme significação e representação para o Ocidente. Todas estas palavras juntas indicam o maior evento da história. Diante disso, Biderman (1978, p. 139):

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua.

Dentro deste contexto, apresentado para a sociedade, parece impossível que interpretações positivas, por parte de quem está lendo o jornal, ocorra. As escolhas lexicais apresentaram um cenário de terror, em que um povo específico agiu. O evento de 11 de Setembro de 2001, impactou muitas vidas, sem nenhuma chance de sobrevivência, para os que estavam nas “Torres Gêmeas”. A história nos apresenta vários ataques que causaram estranhamento às sociedades, porém, este intitulado como o “maior”, certamente mudou a forma do leitor reagir a esta informação.

[...] não estando isolada, a palavra não pode dissociar-se em nenhum caso do grupo a que pertence. As palavras no interior do grupo não têm todas o mesmo valor: constituem uma estrutura hierarquizada. Esta estrutura é móvel; os movimentos que obedecem às palavras e os grupos de palavras têm uma maneira correlativa: um vocabulário é um todo como a época que ele representa. (Matoré, 1953, p. 62).

Seguindo os caminhos de Matoré (1953), a língua adquire conotações que transformam o modo como as pessoas vão observar um determinado povo. E, foi isso que aconteceu com o povo árabe, após o evento de 11 de setembro de 2001. A sua existência ficou condicionada a este fato, sendo que, um povo não é responsável por atitude isolada de um grupo. E neste caso, o léxico foi o responsável por gerar esse desconforto, porque o agrupamento destas palavras trouxe toda uma ênfase para o fato. Claro que as fotos, juntamente com a reportagem, auxiliaram na construção dessa narrativa, todavia a força do léxico escolhido, determinou a vida de um povo em território diverso do seu.

Figura 3



Fonte:

<https://acervo.folha.com.br/digital/busca.do?keyword=&periododesc=12%2F09%2F2001&por=Por+Dia&startDate=&endDate=&days=08&month=10year=2001>.

Transcrição da figura 3

Bush - A fala do Presidente dos Estados Unidos da América, à época do evento 11 de setembro de 2001. “Não pedimos esta missão, mas a cumpriremos. A batalha já começou, em muitas frentes. Não vacilaremos, não descansaremos, não desistiremos e não fracassaremos. A paz e a liberdade prevalecerão.” [...]

Bin Laden - A fala do considerado o “grande mentor” do evento 11 de setembro de 2001. “Deus abençoou um grupo de muçulmanos [...] para destruírem a América. Digo (aos Estados Unidos e seus aliados) que esses eventos dividiram o mundo em dois campos: o campo dos fiéis e o campo dos infiéis. Que Deus nos proteja deles.”

A reportagem escolhida tem o objetivo de demonstrar como ocorreu a chamada “Guerra ao terror”, que os Estados Unidos da América, intitulou contra o Afeganistão. A lexia “Guerra” que abre a capa do caderno Mundo, da Folha de S. Paulo, tem um valor simbólico, pois esta, sozinha, contextualiza todo um momento vivido. Aqui, não se faz necessário que outras lexias se unam ou mesmo que atribuímos várias juntas para indicar um contexto, ela, somente, nos indica o que estaria por vir. Segundo o dicionário Caldas Aulete - s.f. guerra: Conflito armado entre nações, etnias etc.; como também, o dicionário Houaiss - s.f. guerra: luta armada entre nações, ou entre partidos de uma mesma nacionalidade ou de etnias

diferentes, com o fim de impor supremacia ou salvaguardar interesses materiais ou ideológicos; qualquer combate com ou sem armas; combate, peleja, conflito.

A lexia simples “guerra”, segundo os dicionaristas não indica algo positivo que tenha ocorrido, e, sim um fato que impactou a vida de muitas pessoas. Por isso, não cabe aqui, outras lexias para auxiliarem na compreensão do contexto, esta, já delimita o fato.

Assim, para Pottier (1978, p. 268), “a lexia é uma unidade lexical menorizada”, que se realiza dentro do contexto, mesmo sendo simples. Ela não precisa de outra palavra para que a lexicalização se realize. Isso ocorre porque o nome está associado à representação, conforme nos apresenta Saussure (1916, p. 79), “[...] a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos”. Sendo assim, temos uma representação através de uma única unidade lexical.

Já a fala do Presidente dos Estados Unidos da América, à época do evento 11 de setembro de 2001, “Não pedimos esta missão, mas a cumpriremos. A batalha já começou, em muitas frentes. Não vacilaremos, não descansaremos, não desistiremos e não fracassaremos. A paz e a liberdade prevalecerão.” [...]. (Folha de São Paulo, 2001), observamos que há nas falas pormenores de questionamentos. É uma declaração para a mídia mundial, e com isso, o Presidente utiliza verbos como: cumpriremos, começou, vacilaremos, descansaremos, desistiremos, fracassaremos e prevalecerão. Todos são lexias em processo de lexicalização, como nos disse Pottier (1978, p. 269), porque antes dos verbos aparece o advérbio de negação para reforçar a fala do presidente.

Assim, se separarmos os verbos empregados, percebo que não teríamos a mesma função na reportagem. As escolhas lexicais dos jornalistas tiveram o objetivo de apresentar uma atitude do Presidente, e por isso, eles foram posicionados desta maneira. Percebemos, ainda, que a mensagem apresentada pelo Presidente dos Estados Unidos da América, se faz compreendida quando interpretada no conjunto do texto e não por lexias separadas. O processo de lexicalização se fez através da união de todas, juntas. Diante disso, Polguère (2018, p. 103) afirma que,

[...] do ponto de vista estritamente ‘conjuntista’, isso equivale mais ou menos a considerar o léxico como um conjunto de lexias ou um conjunto de formas de palavra. A diferença aparece quando se

pretende modelizar o léxico, por exemplo, em um dicionário. Impõe-se, então, eleger uma unidade de descrição. Uma vez que as formas de palavra associadas a uma lexia são geralmente calculáveis com base no radical da lexia e em regras gramaticais gerais de flexão, seria extremamente redundante construir um modelo lexical que devesse descrever uma a uma as formas de palavra da língua. Ao nosso ver, portanto, o léxico de uma determinada língua é o conjunto de suas lexias.

Observamos que diante do contexto de palavras apresentadas na entrevista da reportagem, a compreensão que inferirmos da fala dele, se faz no contexto de toda informação apresentada.

Embora tenha posições totalmente antagônicas, segundo a reportagem do jornal Folha de S. Paulo, precisamos analisar as escolhas lexicais utilizadas. No que se refere a Bin Laden - A fala do considerado o “grande mentor” do evento 11 de setembro de 2001, “Deus abençoou um grupo de muçulmanos(...) para destruírem a América. Digo (aos Estados Unidos e seus aliados) que esses eventos dividiram o mundo em dois campos: o campo dos fiéis e o campo dos infiéis. Que Deus nos proteja deles.” (Folha de S. Paulo, 2001).

A fala do suposto “mentor” do evento de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos da América, também terá sua manifestação sobre o evento analisando conjuntamente, visto que se utilizarmos as lexias simples, não teremos a interpretação esperada. Quando fragmentamos e isolamos a análise temos, somente o conceito literal da lexia, o que não nos auxilia neste momento. Segundo Polguère,

[...] cada lexia (lexema ou locução) é associada a um dado sentido, que se encontra no significado de cada uma das formas de forma de palavra ou sintagmas congelados através das quais e dos quais ela se expressa. (Polguère, 2018, p. 68).

Compreendemos que, por mais que as análises lexicais sejam baseadas na descrição dos significados dicionarizados, para o nosso trabalho não cabe este isolamento. Na mensagem “Deus abençoou um grupo de muçulmanos [...] para destruírem a América” percebemos que Bin Laden coloca a figura cristã como ponte de auxílio para a destruição. Observamos também, que a oração está fragmentada, porque há a presença de parênteses com as reticências, figurando que havia mais informações ali, que não foram mencionadas na entrevista.

É um dado relevante, pois aos leitores cabe aceitar como verdade, o que foi exposto no texto. Na sequência da fala temos, “Digo (aos Estados Unidos e seus aliados) que esses eventos dividiram o mundo em dois campos: o campo dos fiéis e o campo dos infiéis. Que Deus nos proteja dele”. Nesse caso, Bin Laden reforça entre parênteses de qual América ele está falando, da América em que está localizada os Estados Unidos, não compreende todas as Américas. Assim, indica a direção da fala e do evento, evocando, novamente o Deus, relacionando o fato a religião.

Neste momento, parece que ele quer dizer, que quem os apoia são fiéis e o contrário são infiéis. Marcações lexicais que definem o lado de cada um dos dois: Bush e Bin Laden. Também precisamos olhar conjuntamente as lexias, para observamos qual a mensagem passada. A proteção pedida a Deus, a esperança do homem na fé e na divisão de quem é fiel ou não. Sugere assim quem está ao lado e quem está contra.

Uma postura dual que sinaliza atitudes e comportamentos, os quais mudaram os olhares para com o povo árabe. Desse modo, sabemos que o léxico representa a cultura de um povo. Suas marcações de fala e textos dizem o que o povo pensa e representa. Desta forma, para Vilela (2001, p. 01), “o léxico segundo uma perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si.” E, é neste sentido que buscamos compreender as unidades lexicais, que representam o povo árabe. Assim, percebemos que as posições de ambos entrevistados são totalmente diversas e por isso, cada um deles direcionam os seus interesses, com aquilo que acreditam ser mais coerente.

Algumas Considerações

Este artigo é um recorte da pesquisa de Doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação/PPGEL da Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, na área de concentração: Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa História, Descrição, Análise e Documentação de Línguas faladas no Brasil. O intuito aqui, é demonstrar, por amostragem, como as escolhas lexicais direcionam o leitor para uma interpretação, a qual retrata uma imagem negativa do povo árabe, auxiliando em uma formação do conceito, do que seja ser árabe no mundo. Sendo assim, os

jornalistas selecionaram lexias que reforçam o estigma deste Oriente desconhecido; percebemos que as escolhas lexicais foram determinantes para dizer que é esse povo, que a América tanto teme e repulsa.

Assim, as lexias reportam um povo que segundo Said (2007) “tem narizes anducos e olhar soslaio”, gerando uma possível interpretação do que seja ser árabe. Consequentemente, o léxico está relacionado diretamente aos fatos sociais e políticos, conforme nos apresentou Matoré (1953), e isso, faz todo sentido ao lermos as reportagens, que traz o povo árabe como o pivô de todos os conflitos.

Preliminarmente, é uma observação, enquanto pesquisadora, analisando as leituras das notas, manchetes e matérias jornalísticas, em que o povo árabe é mencionado. O léxico empregado, carregado de significações leva o leitor a interpretações infinitas, porém com muitas ressalvas do que seja o povo árabe. Se, enquanto leitores, fizermos, somente leituras, de editoriais que retratam o Oriente, como um lugar de “eternos conflitos”, teremos informações unilaterais para delimitar a constituição de um povo.

Desta maneira, se faz necessário, que repensemos a posição das informações jornalísticas para o povo do Ocidente, que estas sejam menos carregadas de impressões pessoais e que, somente, relatem o que aconteceu de maneira imparcial, em que os fatos apareçam e não o conceito de um “povo”, por quem escreve.

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *A lexicologia e a teoria dos campos lexicais*. In: *XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. CNLF, 2011, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: CNLF, VOL. Xv, nº 5, p.132-1343.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRANDÃO, Gilbert Anderson. *Sírios e Libaneses em Cuiabá: imigração, espacializações e sociabilidade*. Dissertação (Mestrado em História). UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2007.

FARAH, P. D. E. The summit of South America – Arab States: historical contexts of South-South solidarity and Exchange. In: AMAR, P. (Ed.) *The Middle East and Brazil: perspectives on the new global South*. Bloomington: Indiana University Press, 2014. p. 39-56.

<https://houaiss.online/houaission/central.php>

https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital

KARAM, John Tofik. *Um outro arabesco: etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Ed. Fontes, 2009.

MATORÉ, George. *La méthode em lexicologie*. Domaine Française. Paris: Didier, 1953.

MEIHY, Murilo. *Os libaneses*. São Paulo: Contexto, 2016.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. 1999. 486f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara – Araraquara, 1999.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010.

PITOMBO-OLIVEIRA, Tânia. Políticas públicas e a noção de desenvolvimento sustentável no espaço Amazônico. In: DIAS, Marieta Prata Lima; PHILIPPSEN, Neusa Inês; PITOMBO-OLIVEIRA, Tânia (Orgs.). *Amazônia: visão caleidoscópica*. Recife: Pipa Comunicação, 2015. p. 197-218.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral. Teoria e descrição*. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Coleção Linguagem 7. Rio de Janeiro. Presença Universidade Santa Úrsula, 1978.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e Semântica lexical*. Noções fundamentais. São Paulo. Contexto, 2018.

SAID, E. W. *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SOUZA e ZOLIN VESZ. Daniele dos Santos de; Fernando. *Da hospitalidade à intolerância ao migrante árabe: construções discursivas sobre um mesmo Brasil*. Trabalho de Linguística Aplicada, Campinas, n (57.2): 877-893, mai./ago. 2018.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Nas cacimbas do Rio Pardo: vem estudo léxico-cultural*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2014.

VILELA, Mário. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

Recebido em: 30/10/2024

Aceito em: 11/04/2025